



DOI: <https://doi.org/10.58871/ed.academic18092023.53>

AÇÕES COM MÃES USUÁRIAS DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS EM UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS

ACTIONS WITH MOTHERS WHO USE PSYCHOACTIVE SUBSTANCES IN A PSYCHOSOCIAL CARE CENTER FOR ALCOHOL AND OTHER DRUGS

GABRIELE SOUSA COSTA

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará- UFC

LEILA PONTE VASCONCELOS

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará- UFC

ELIS PONTE COSTA

Graduanda em Psicologia pela Faculdade Luciano Feijão

ANTÔNIA BEATRIZ TORRES VIANA

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará- UFC

PAULO HENRIQUE DIAS QUINDERÉ

Doutor em Saúde Coletiva pela UECE

RESUMO

Objetivo: O presente trabalho tem por objetivo relatar sobre algumas atividades desempenhadas em um projeto social que atende gestantes e mulheres usuárias de substâncias psicoativas e seus filhos, em uma cidade no interior do Estado do Ceará. **Metodologia:** A experiência é baseada na vivência de um estágio supervisionado em Processos Clínicos e Atenção à Saúde, da Universidade Federal do Ceará - Campus Sobral, realizado no Centro de Assistência Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS AD). Sobre o percurso das atividades na instituição, foram desenvolvidas dinâmicas e rodas de conversas que propiciavam diálogos sobre o cotidiano das participantes. Participaram dos encontros em torno de 14 mulheres e um homem trans, a maioria possuíam união estável, com idades que variavam entre 18 e 53 anos e uma média de três filhos. Foram realizados seis encontros, quinzenalmente, com duração de uma hora e meia cada. **Resultados e Discussão:** As atividades assinalaram questões relativas à exaustão feminina diante a realização solitária das atividades domésticas e do cuidado dos filhos, o sentimento de incapacidade relacionado aos julgamentos da sociedade e o uso de substâncias psicoativas atrelado às situações de conflitos. Além disso, observou-se o apagamento de suas identidades frente ao compromisso com a maternidade e a identificação com os relatos do coletivo. **Considerações Finais:** As atividades desenvolvidas permitiram que as participantes refletissem sobre suas experiências enquanto mulheres e mães, seu agir frente aos contextos de vulnerabilidade, bem como o uso problemático de substâncias psicoativas.



Além disso, foi considerado o agir do profissional de psicologia diante da complexidade do trabalho na saúde mental.

Palavras-chave: Mulheres; Substâncias psicoativas; Maternidade.

ABSTRACT

Objective: The aim of this paper is to report on some of the activities carried out in a social project that assists pregnant women and women who use psychoactive substances and their children, in a city in the interior of the state of Ceará. **Methodology:** The experience is based on a supervised internship in Clinical Processes and Health Care at the Federal University of Ceará - Sobral Campus, held at the Alcohol and Drug Psychosocial Care Center (CAPS AD). During the course of the activities at the institution, dynamics and conversation circles were developed to encourage dialog about the participants' daily lives. The meetings were attended by around 14 trans women and one trans man, most of whom were in stable unions, aged between 18 and 53 and with an average of three children. Six meetings were held every two weeks, each lasting an hour and a half. **Results and Discussion:** The activities highlighted issues related to women's exhaustion at carrying out domestic and childcare activities alone, the feeling of incapacity related to society's judgments and the use of psychoactive substances linked to conflict situations. In addition, they were able to erase their identities in the face of their commitment to motherhood and identify with the collective's stories. **Final considerations:** The activities developed allowed the participants to reflect on their experiences as women and mothers, their actions when faced with contexts of vulnerability, as well as the problematic use of psychoactive substances. In addition, the actions of psychology professionals in the face of the complexity of mental health work were considered.

Keywords: Women; Psychoactive substances; Motherhood.

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, o uso abusivo de drogas tem aumentado cada vez mais e, estudos mostram que tal contexto tem se tornado uma questão mundial. Apesar dos homens serem os que mais consomem substâncias psicoativas, as mulheres também têm ganhado destaque nos relatórios da saúde. Diante desse cenário, Santos e Romanini (2018), consideram fundamental uma maior atenção às violências sofridas por mulheres usuárias, visto que são frequentemente culpabilizadas por não seguirem as dinâmicas socialmente empregada a elas, como o total compromisso com a maternidade e com o cuidado da família.

Ainda no contexto brasileiro, a pesquisa de Albuquerque e Nóbrega (2016), realizada em três Centros de Atenção Psicossocial no estado de São Paulo, mostrou que, nos serviços de saúde, ainda são bastante corriqueiras condutas de preconceito contra mulheres que fazem uso de substâncias. O medo e a angústia de serem criticadas, são sentimentos que impedem essas mulheres de procurarem uma ajuda especializada. Visto isso, os autores salientam a importância de ambientes mais acolhedores, no sentido que os profissionais assumam atitudes mais éticas



nos processos de tratamento. Para Schuch et al. (2019), a ausência de buscas por atendimentos e os contextos de preconceitos, tem influenciado significativamente no sofrimento mental do público feminino.

Em pesquisa com mães usuárias de crack, Camargo et al. (2021) apresentaram que socialmente, ainda, é muito presente que o cuidado dos filhos é papel essencial do gênero feminino, enquanto a figura paterna, na maioria das vezes, encontra-se isenta dessa responsabilidade. No tocante o processo de maternidade das participantes, os autores ressaltam que, é necessário um olhar mais amplo sobre a vida dessas mulheres, uma vez que os contextos culturais, sociais e afetivos em que estão inseridas, colaboram na maneira que passam a se relacionar com os filhos e com as drogas.

Em pesquisa com 12 mulheres em um Centro de Atenção Psicossocial álcool e drogas, Soccol et al. (2018) mostraram que o processo de luto vivenciado por algumas participantes, cooperou para o seu primeiro contato com as substâncias ou para o consumo de maiores quantidades. Tal sofrimento causava nelas um sentimento de desinteresse pela vida. Ademais, os autores apontam que o uso abusivo de substâncias por mulheres estava relacionado aos conflitos que tinham com suas mães e demais familiares.

Considerando a ampliação dos Centros de Atenção Psicossocial, através da portaria Portaria n.º 336/2002, de 19 de fevereiro de 2002, o Caps ad tem como objetivo acolher e acompanhar o tratamento de usuários e familiares que apresentam prejuízos à saúde diante ao uso abusivo de crack, álcool e outras drogas. Além disso, é responsabilidade do serviço desenvolver atividades que intervenham em situações de preconceito e constrangimento aos indivíduos em estágio em tratamento (BRASIL, 2002).

No que concerne às atividades desenvolvidas nos Centros de Assistência Psicossocial Álcool e Drogas, são realizados acolhimentos, pré-consultas, monitoramento farmacológico, desintoxicações/observações, atendimentos individuais e grupais, avaliações e acompanhamentos dos familiares, visitas domiciliares/buscas ativa, reuniões técnicas, assembleias, atividades grupais e oferta de alimentação (BRASIL, 2002).

Em relação às práticas de prevenção, considera-se como fundamental um processo de planejamentos que mobilizem o apoio da social na sua totalidade, por exemplo, na colaboração da comunidade, dos demais serviços de atenção à saúde, da assistência social, etc. Para isso, utiliza-se a Redução de Danos, como uma postura flexível e não centrada na abstinência, na qual possibilita minimizar os danos biológicos e também sociais associados ao uso de álcool e outras drogas (BRASIL, 2004).



Este texto objetiva relatar sobre as atividades desempenhadas em um projeto social que atende gestantes e mulheres usuárias de substâncias psicoativas e seus filhos, em uma cidade no interior do Estado do Ceará.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência de caráter descritivo. Ele foi elaborado a partir do estágio supervisionado em Processos Clínicos e Atenção à Saúde, da Universidade Federal do Ceará - Campus Sobral, realizado em um Centro de Assistência Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS AD). Sobre a organização dos horários, o estágio ocorria em três dias da semana, correspondendo uma carga horária de 12 horas semanais e um total de 112 horas de atividades práticas supervisionadas por um profissional de psicologia do próprio serviço. No decorrer da experiência, também foram realizadas supervisões com o professor orientador, que tinha como objetivo orientar a prática do estagiário, auxiliar nos conteúdos teóricos, bem como discutir as demandas que apareciam no equipamento.

Sobre o projeto em que foram desenvolvidas as atividades, ele foi criado em 2015, através da Estratégia Trevo de Quatro Folhas, que compõem o sistema de saúde do município e, que atua no apoio de mães com filhos menores de dois anos, gestantes e puérperas em situação de vulnerabilidade social. Além disso, a estratégia trabalha na avaliação de riscos e na redução da mortalidade materno-infantil na cidade (SOUSA ET AL., 2012).

Considerando o cuidado de mães usuárias de substâncias psicoativas após o nascimento das crianças, foi posto ao projeto a responsabilidade de reduzir o número de crianças e adolescentes em situações de negligência e abandono, acompanhar o período de gestacional das mães como uma maneira de reduzir os efeitos das drogas nos fetos, fortalecer os vínculos familiares, garantir o direito à educação, bem como realizar oficinas educativas que possibilitem lazer e geração de renda às usuárias.

Os encontros na instituição tiveram início em março de 2023 e terminaram em junho do mesmo ano. Foram desenvolvidas dinâmicas e rodas de conversas, nas quais propiciavam diálogos sobre temáticas que eram presentes no cotidiano das participantes como: orientação sexual, identidade de gênero, relações familiares, uso de substâncias, práticas de autocuidado e singularidades. Participaram em torno de 14 mulheres e um homem trans, a maioria possuíam união estável, com idades que variavam entre 18 e 53 anos e uma média de três filhos. Vale ressaltar que, o número de mulheres em cada encontro variava de acordo com a presença delas na instituição. Ademais, foram realizadas seis reuniões quinzenais, às quartas-feiras, e tinham



duração de uma hora e meia cada.

Por fim, utilizou-se o diário de campo, como uma maneira de resgatar relatos e discussões empreendidas durante os encontros. Vale destacar que o papel do diário de campo não está apenas no registro daquilo que foi visto ou comentado, mas também na forma como o indivíduo experienciou cada momento. Tal documento possibilita a constante produção de reflexões, análises e afetos (KROEF; GAVILLON; RAMM, 2020).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Encontro 1

No primeiro encontro, foi realizada uma roda de apresentações entre usuárias e estagiárias, além de expostos os objetivos e expectativas do trabalho da equipe na instituição. Em seguida, foi realizada uma palestra sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero, mediada pelo responsável do Núcleo da Diversidade Sexual da Coordenadoria dos Direitos Humanos do município. De modo geral, o encontro se mostrou bastante produtivo para todos presentes, pois além do atendimento feito pela instituição a mulheres mães, na ocasião, a instituição também estava assistindo um homem trans. Nesse sentido, se fez necessário tal momento, para que fosse discutido sobre relações de respeito e trocas de experiências.

Encontro 2

No segundo encontro, conversou-se um pouco mais sobre a reunião anterior, como uma forma de reflexão sobre a temática abordada e esclarecimento de possíveis dúvidas. Vale ressaltar que a importância do momento foi para além dos muros da instituição, já que discutiram sobre suas relações com familiares e amigos que também fazem parte da comunidade LGBTQIAPN+. Por fim, houve um planejamento sobre qual tema ou atividade gostariam de trabalhar no próximo encontro.

Encontro 3

Nesse reunião, foi realizada uma atividade de tabuleiro sobre as relações familiares das participantes. Para o jogo, foram elaboradas frases que conversavam com questões relatadas por elas em momentos anteriores, por exemplo, gritar ou bater nos filhos, conversar com o parceiro(a) e filhos, atividades que gostavam de fazer em casa, o que não gostavam de fazer em família, práticas de autocuidado, possibilidades e limitações enquanto mães etc. Além disso,



foi confeccionado um dado onde continha os símbolos "Curto/não curto", para que expressassem os seus posicionamentos diante a tais situações. Na atividade, as participantes relataram experiências de violências, sobrecarga do trabalho doméstico, medo de serem denunciadas para o Conselho Tutelar, vergonha dos julgamentos da comunidade e o apagamento das suas singularidades e sonhos. A ausência de práticas de autocuidado e a baixa autoestima foram pontos bastante apontados na discussão. Visto isso, foi proposta a construção de um desfile, no qual seria exaltada a beleza singular de cada uma delas. Dada a resposta positiva, a atividade foi marcada para a semana seguinte. Ademais, foi realizado contato com os residentes da Saúde Mental e estudantes de enfermagem de uma universidade estadual para colaborarem com o momento.

Encontro 4

No quarto encontro, deu-se início à preparação do desfile. Para isso, foram recortados tecidos e colocados balões para a passarela, confeccionadas plaquinha de elogios usadas pelos jurados, organização de brindes, bem como todas as participantes foram maquiadas pelos estudantes da Liga de Enfermagem. Ao longo do momento, foram feitas apresentações de quem estava desfilando como: nome, idade, o que gostava de fazer e frase favorita. Buscou-se assim, tanto trabalhar a autoestima do grupo, quanto proporcionar um espaço de bem-estar e de promoção de práticas de autocuidado. No final, houveram relatos a respeito da importância do momento, uma vez que ressaltaram que não tinham muito tempo para cuidar de si, para usar maquiagem, para se sentir bonita e de se perceber enquanto mulher antes do ofício de cuidador.

Encontro 5

Durante o quinto encontro, repercutiram, ainda, alguns pontos sobre a última atividade, principalmente a aprovação do grupo quanto ao momento de protagonismo. Em seguida, apresentamos uma atividade de diferentes gêneros musicais, que tinha como objetivo usar a música como instrumento mediador para o diálogo de situações cotidianas. Desse modo, preparamos um dado, no qual foram coladas frases que perguntavam sobre a sua música favorita, se conhecia alguma música de determinado estilo, além de convites para dançar e convidar a colega do lado para acompanhá-la. Notou-se que o grupo aderiu bastante a atividade, visto que se mostraram animadas para jogar o dado e saber o que deveriam fazer. Apesar de parecer uma atividade de fácil desenvolvimento e de descontração, ela promoveu significativos relatos sobre as vivências das participantes. Em algumas músicas, por exemplo, elas falaram



sobre abandono na infância, abuso sexual, violência doméstica, fragilidade nas relações familiares e uso de álcool e outras substâncias.

Encontro 6

No último encontro, em alusão às comemorações juninas, foi realizado um bingo, no qual utilizou-se cartelas personalizadas com nomes de brincadeiras e comidas típicas. No final do jogo, tentou-se dar um Feedback a respeito da experiência das estagiárias com o grupo, assim como escutar a devolutiva das participantes, contudo, não foi possível tal finalização. Na ocasião, as usuárias pareciam estar bastante dispersas, diante a situações que haviam ocorrido fora da instituição, o que dificultou o processo de encerramento.

A partir das atividades desenvolvidas na instituição, percebeu-se que as participantes se sentiam exaustas diante a realização solitária das atividades domésticas e, principalmente, no cuidado dos filhos. Algumas, por exemplo, relataram que os parceiros não colaboravam nas tarefas de casa e não eram presentes na educação e nem no lazer dos filhos. Ademais, precisavam delegar aos filhos mais velhos o cuidado dos irmãos mais novos, como uma forma de conseguirem lidar com a sobrecarga do dia a dia.

Ainda em contexto brasileiro, o trabalho de Benatti et al. (2020), com mães e pais cadastrados em um Centro de Referência em Assistência Social, apontou que a sobrecarga dessas mulheres em contextos de vulnerabilidade estava associada ao número de tarefas que elas precisavam assumir no ambiente doméstico. Os participantes consideravam que o gênero feminino era o que mais devia lidar com as atividades tidas como prioritárias em uma família, por exemplo, organização do lar, educação dos filhos e cuidado do marido.

No tocante à exaustão das participantes, notou-se, também, o sentimento de incapacidade sobre pertencer a uma família. Elas apontaram que, na maioria das vezes, eram vigiadas e julgadas pela sociedade diante a forma que educavam, vestiam e falavam com os filhos. Consideravam, ainda, que as condições socioeconômicas as quais se encontravam, despertavam nas pessoas a ideia de que elas não eram capazes de criar dignamente eles. Tais exigências as levaram a relatar o medo de serem denunciadas para o Conselho Tutelar. Em consonância com o receio de perderem a guarda dos filhos, Menandro, Garcia e Uliana (2019) apontaram que, apesar do conselho Tutelar ser um serviço que objetiva assistir crianças e adolescentes em contextos de violação de direitos, este tem prejudicado a rotina e vida das mães, uma vez que passa a tratar a demanda como particular e agir de maneira punitiva com mulheres pobres.



Outro aspecto apresentado pelas participantes foi o apagamento da sua identidade frente o compromisso com a maternidade. A gerência aos cuidados domésticos, dos filhos e dos cônjuges distanciavam elas das suas próprias necessidades, uma vez que não conseguiam tempo para cuidar de si e nem de se reconhecerem como protagonistas do seu bem-estar. Desse modo, observou-se que essas mulheres eram impedidas de se expressarem, haja vista que foram e continuavam sendo ensinadas a supervalorizar um “nós” ao invés de um “eu”. Ou seja, antes de serem mulheres, precisavam ser mães, esposas e cuidar de tudo que atravessava o ambiente doméstico. De acordo com Baluta e Moreira (2019), apesar dos avanços com relação ao papel da mulher no casamento e na maternidade, muitas brasileiras ainda estão inseridas em um modelo social que impõe a sua submissão aos parceiros e ao cuidado dos filhos.

O contato direto das participantes com tais demandas contribuía para o uso problemático de álcool e outras drogas. Ao longo das atividades, notou-se que o uso das substâncias psicoativas estava atrelado à vontade que tinham de fugir da realidade que estavam vivendo, como: violência doméstica, trabalho reprodutivo, fragilidade nas relações familiares, perdas, e limitações de recursos econômicos e sociais. Esta observação está em consonância com o estudo de Vargas et al. (2015), uma vez que destacam que o primeiro contato das mulheres com as substâncias psicoativas também está associado aos momentos de perdas, irritação e eventos de estresse com familiares e cônjuge. Além disso, Crives e Dimenstein (2003), mostraram que as drogas tornam-se significativas para os indivíduos, na medida que estes encontram nelas a possibilidade de se sentirem bem e de se distanciar das frustrações cotidianas.

Sobre os encontros, estes se mostraram de grande relevância para as participantes, seja no apoio que recebiam das colegas, nas trocas de experiências e também na elaboração de estratégias para o enfrentamento dos obstáculos cotidianos. Assim, relataram situações em que conseguiam se perceber nas falas das outras mulheres e, que isso contribuía na resolução dos seus problemas e no acolhimento de si mesma. Além disso, afirmaram que as atividades desenvolvidas pela psicóloga e estagiárias as deixavam mais confortáveis para expressarem o que estavam sentindo, já que muitas vezes não eram compreendidas pela família e sociedade. Em consonância com os relatos das participantes, o estudo de Pierry et al. (2021), com mulheres usuárias do CAPS AD, mostrou que diante ao acolhimento e apoio que recebiam no serviço, estas passaram a considerar tais ações como importantes para as suas vivências e transformações pessoais. Além disso, apontavam que, se identificavam com as experiências relatadas no coletivo e, que isso ajudava no seu tratamento. Resultado similar foi encontrado no estudo de Rézio, Moraes, Fortuna (2018), que mostrou que mulheres de um grupo em saúde mental em um CAPS AD, não sentiam medo de compartilhar suas dificuldades ou dúvidas com



as colegas, já que sabiam que muitas haviam passado por momentos parecidas e que isso era reconfortante.

Ademais, diante da confiança que tinham pela equipe do CAPS AD, notou-se o quão era importante o trabalho do profissional de psicologia na instituição, principalmente na postura de não as culpar, de não minimizar suas dores e/ou tornar os seus sofrimentos individuais. Crestani e Rocha (2018) apontaram que existe um movimento bastante explícito sobre a culpabilização e criminalização das famílias brasileiras. Para os autores, tais situações não são empregadas a todas configurações de família, mas sim aquelas que estão inseridas em contextos de pobreza e que historicamente chamadas de fracassadas por não possuírem poder aquisitivo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que o campo de estágio é fundamental para a formação, atuação e possibilidades de carreira do profissional de psicologia, sobretudo porque permite diferentes aprendizados que estão além dos espaços geográficos da instituição de ensino. A experiência em questão, possibilitou à equipe vivenciar de perto as imprevisibilidades e dificuldades do existir no mundo, em especial quando se trabalha em espaços com pessoas completamente diferentes, seja na idade, raça, vivências, culturas etc.

Observou-se, ainda, que escutar pessoas em situações de vulnerabilidade social é, sem dúvidas, um trabalho bastante desafiador, principalmente pelas complexidades dos temas que apareciam em um curto espaço de tempo. Através das atividades desenvolvidas no projeto, visualizou-se que a promoção e construção do cuidado é, essencialmente, uma questão coletiva. Durante os encontros, por exemplo, muitas experiências relatadas pelas usuárias conversavam diretamente com as vivências das demais participantes e, isso as deixava mais seguras e confiantes. Desse modo, não cabia aos profissionais de psicologia julgar o que era certo ou errado, mas acolher cada história na sua forma mais genuína.

No que diz respeito às dificuldades encontradas nos encontros e no estágio de forma geral, é importante pontuar a falta de recursos para as dinâmicas, o que levava a equipe comprar os materiais com o próprio dinheiro; a ausência de transportes da prefeitura para a locomoção da equipe; bem como a carência na estrutura física da instituição, dado que não tinha uma acústica e climatização adequada. Por outro lado, a equipe e usuários se mostraram bastante criativos na resolução dos problemas. Por exemplo, os participantes se mostravam dispostas a discutir as dificuldades e potencialidades do serviço e ajudavam na organização do ambiente.

Desse modo, experienciar o estágio na atenção à saúde foi perceber de perto as reais



condições de trabalho nos dispositivos públicos, em especial, as diferentes formas de agir no equipamento e no território, a complexidade do trabalho na saúde mental, assim como os desafios que técnicos e usuários precisam enfrentar diante as relações sociais, preconceitos, violências.

REFERÊNCIAS

BALUTA, Maria Cristina; MOREIRA, Dirceia. A injunção social da maternagem e a violência. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, 2019.

BENATTI, Ana Paula *et al.* A maternidade em contextos de vulnerabilidade social: papéis e significados atribuídos por pais e mães. *Interação em psicologia*, v. 24, n. 2, 2020.

BRASIL. DEPARTAMENTO DE AÇÕES PROGRAMÁTICAS ESTRATÉGICAS. **Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial**. Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 336/GM, de 19 de fevereiro de 2002. Normas e Diretrizes para a organização dos serviços que prestam assistência em Saúde Mental. Brasília, DF, 2002 (a).

CRESTANI, Vanessa; ROCHA, Kátia Bones. Risco, vulnerabilidade e o confinamento da infância pobre. *Psicologia & Sociedade*, v. 30, 2018.

CRIVES, Miranice Nunes dos Santos; DIMENSTEIN, Magda. Sentidos produzidos acerca do consumo de substâncias psicoativas por usuários de um Programa Público. **Saúde e Sociedade**, v. 12, p. 26-37, 2003.

DA SILVEIRA KROEF, Renata Fischer; GAVILLON, Póti Quartiero; RAMM, Laís Vargas. Diário de Campo e a Relação do (a) Pesquisador (a) com o Campo-Tema na Pesquisa-Intervenção. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 20, n. 2, p. 464-480, 2020.

DE OLIVEIRA CAMARGO, Paola *et al.* A maternidade de mulheres usuárias de crack e o papel de outros cuidadores. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 9, p. e28710918073-e28710918073, 2021.

DE SOUZA ALBUQUERQUE, Caroline; NÓBREGA, Maria do Perpétuo Socorro Sousa. Barreiras e facilidades encontradas por mulheres usuárias de substâncias psicoativas na busca por tratamento especializado. **SMAD, Revista Electrónica en Salud Mental, Alcohol y Drogas**, v. 12, n. 1, p. 22-29, 2016.

DOS SANTOS, Carina Ferreira; ROMANINI, Moises. A (In) Visibilidade de Mulheres Usuárias de Álcool e Outras Drogas em um CAPS AD III.

DOS SANTOS SOUSA, Francisca Júlia *et all.* Programa Trevo de Quatro Folhas: uma ação efetiva para a redução da mortalidade infantil em Sobral–Ceará. **SANARE-Revista de Políticas Públicas**, v. 11, n. 1, 2012.



II EDIÇÃO

CONIMAPS

15 A 17 DE SETEMBRO DE 2023

II Congresso Internacional Multiprofissional em **ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE**

MENANDRO, Leila Marchezi Tavares; GARCIA, Maria Lúcia Teixeira; ULIANA, Rafaela Soares da Silva. A perda da guarda de filhos: a voz das mulheres, mães e usuárias de drogas. **Psicologia & sociedade**, v. 31, 2019.

PIERRY, Larissa Goya *et al.* Género y asistencia psicosocial: perspectiva de usuarias sobre el Caps-AD. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 16, n. 1, p. 1-13, 2021.

RÉZIO, Larissa de Almeida; MORAES, Priscilla Daleffe de; FORTUNA, Cinira Magali. Ressonâncias de um grupo na vida das mulheres de um serviço de saúde mental. **Rev. enferm. UERJ**, p. e11359-e11359, 2018.

SCHUCH, Marta Cristina *et al.* Percepção de mulheres acerca de um Centro de Atenção Psicossocial álcool e drogas: relato de uma intervenção. **Disciplinarum Scientia| Saúde**, v. 19, n. 3, p. 559-570, 2018.

SOCCOL, Keity Laís Siepmann *et al.* Motivos do abuso de substâncias psicoativas por mulheres assistidas em Centro de Atenção Psicossocial. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 39, p. e20170281, 2018.

VARGAS, Divane de *et al.* O primeiro contato com as drogas: análise do prontuário de mulheres atendidas em um serviço especializado. **Saúde em Debate**, v. 39, p. 782-791, 2015.